

Intensidades, desejo e clínica

Intensities, Desir and Clinic

Regina Maria Santos Dias

Professora e psicóloga clínica

RESUMO:

Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam as multiplicidades intensivas e o corpo sem órgãos como conceitos relevantes da esquizoanálise. Esse conjunto abstrato, constantemente afetado por forças em contínua variação, gera uma zona de indeterminação capaz de favorecer a invenção de sentidos e a expansão da vida. Tal entendimento aproxima produção desejante e criação – noções preciosas quando se trata de pensar a intervenção clínica em psicologia.

Palavras-chave: corpo sem órgãos; cartografia; estética.

ABSTRACT:

Gilles Deleuze and Felix Guattari present the intensive multiplicities and the body without organs as relevant concepts of schizoanalysis. This abstract set, constantly affected by forces in continuous variation, generates a zone of indetermination capable of favor the invention of the senses and the expansion of life. Such understanding approaches desiring production and creation - precious notions to think about clinical intervention in psychology.

Key-words: body without organs; cartography; aesthetics

Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética do movimento: há um ponto de apoio, ou então se é fonte de movimento. Correr, lançar um peso, etc.: é esforço, resistência, como um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. (DELEUZE, 1992: 151)

Introdução

Das regiões distantes da filosofia, Gilles Deleuze recolhe elementos inusitados e torna-os matéria de pensamento, disparando problematizações inovadoras em diferentes campos do conhecimento. O livro *Conversações* (1992) segue essa direção em valiosas páginas, destacando, em diversos momentos, a importância de considerar “o que se passa” para que a criação e o pensamento se aproximem. No texto intitulado “Os

Intercessores” (DELEUZE, 1992:151), Deleuze percorre o mundo dos esportes e situa algumas práticas em que atletas adentram ondas marítimas ou acessam diferenciadas camadas de ar – órbitas. Ele assinala que o maior desafio dessas modalidades esportivas é poder “se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga” ou mesmo por “uma coluna de ar ascendente” (DELEUZE, 1992:151), condição que favorece a ultrapassagem dos limites conhecidos e das performances já realizadas. Deixar-se afetar pelas correntes de água ou de ar é antes de tudo uma entrega do corpo e do afeto, o que não anula a importância do equipamento utilizado e da técnica individual do esportista. Em suma, o filósofo enfatiza as circunstâncias impessoais que intervêm em um evento e o modo de o atleta estabelecer relações com a atividade física adotada, igualmente, com os efeitos que aí emergem.

No livro intitulado *Caosmose* (1992), Félix Guattari aborda as práticas sociais e institucionais, delineando, na primeira parte da obra, um minucioso estudo sobre o conceito de heterogênese. Nesse capítulo, o pensador ressalta os elementos políticos, econômicos, étnicos, midiáticos e a sintonia divergente que eles estabelecem entre si, além de realçar a interferência dessas movimentações nas maneiras de pensar e agir dos diferentes conjuntos humanos.

A importância da heterogênese também aparece quando Deleuze destaca as modificações que ele e Guattari partilham após o encontro fulgurante em 1969, momento em que a sociedade francesa ainda fazia reverberar transformações políticas e sociais no lado ocidental do mundo. Ao explicitar os rumos assumidos na continuidade do trabalho filosófico que ambos empreenderam, Deleuze salienta, além da amizade, a relação de reciprocidade entre a grade conceitual por ele elaborada e as questões clínico-políticas advindas da militância e das experiências de Guattari, sobretudo na Clínica La Borde, o que permitiu ao filósofo afirmar: “cada um compreende a sua maneira a noção proposta pelo outro” (DELEUZE, 1992: 157).

Essas pontuações iniciais, extraídas dos textos dos autores da esquizoanálise, destacam tanto a imprevisibilidade dos encontros quanto os processos de diferenciação que comparecem nas movimentações do corpo e do desejo; visada filosófica que incita à problematização do exercício da psicologia em diferentes áreas. Nesse sentido, cabe formular interrogações à ação clínica e ao entendimento das variadas expressões de angústia na atualidade. O desconforto gerado por um “solo que escapa aos pés”, e isso nos aspectos individuais e coletivos, acoplados à exigência difusa e controversa da “conquista de uma terra firme”, trazem tensões que merecem ser transformadas em duas

pistas bastante positivas. Um primeiro aspecto aparece quando uma aflição disseminada manifesta a falência do modo de viver em curso, anunciando, ao mesmo tempo, as nuances de rumos possíveis. A segunda pista se faz presente nas tonalidades afetivas diferenciadas que irrompem nas situações cotidianas, mesmo quando estas se mostram acanhadas e em frágil consistência. Os dois aspectos ressoam o fragmento de Deleuze que encabeça este texto, pois as duas pistas assinaladas acima sugerem, tal como a experiência dos esportistas, a ação das forças sobre os corpos, impelindo-os a interrogar as opções conhecidas e a se deixarem afetar por elementos desconhecidos.

No entanto, a indeterminação presente nessas oportunidades é apreciada como uma interferência insatisfatória, sobretudo quando se está sob o jugo das formas modelizadas e das impressões percebidas como ameaçadoras. Tais circunstâncias exigem um acolhimento atento, além de suscitar questões vitais ao fazer analítico. Que elementos tomam parte nas movimentações do desejo? No transitar de sensações e impressões inquietantes, como fazer consistir sentidos originais em meio ao acentuado desconforto? Qual paradigma ampara a apreensão crítica do plano afetivo partilhado na prática clínica? Tais interrogações constituem o cerne deste ensaio, interessado em trazer à baila alguns alinhavos conceituais que sustentam uma experiência analítica em afinidade com o pensamento da diferença.

Considerando que a escrita também se faz longe de uma terra sólida, vale amplificar as indagações elencadas, sobretudo quando se trata de uma intervenção pensada fora do regime da representação. Assim, no rastro da epígrafe deleuzeana, cabem os saltos e os voos em direções inaugurais, capazes de liberar uma atmosfera potente frente ao exercício crítico da ação clínica em psicologia.

Multiplicidades em todas as direções

O século XXI, na esteira das últimas décadas do período anterior, traz uma avalanche extraordinária de conhecimentos, transformações tecnológicas e mutações sociais. Essas modificações não impedem a manutenção de modelos calcados em normatividades conservadoras, alimentando representações ainda em voga no senso comum. Quando tal via recrudescer, se apresenta o que Guattari denomina como “engajamento implosivo” (1993), o que se caracteriza pela presença de verdades que valorizam direções obsoletas para as condutas societárias. Esse caminho enaltece lógicas que enfatizam o intimismo privatista e empreendedor, incrementando práticas voltadas ao imediatismo e à compreensão atômica da subjetividade. A naturalização

dessas percepções encontra-se, todavia, em franca divergência frente aos processos sociais e científicos mais avançados e divulgados na contemporaneidade; os mesmos que evidenciam a realidade e a subjetivação como produções que nunca permanecem unificadas e jamais podem ser totalizadas.

Participantes e atentos às lutas coletivas da segunda metade do século XX, Deleuze e Guattari ressaltam a presença de infinitas forças na sociedade, forças capazes de atravessar variados segmentos sociais e diferentes formações grupais, provocando mutações incessantes nos modos de agir, sentir e desejar. Tais forças fazem com que o conjunto social experimente, constantemente, a “metamorfose do seu conteúdo”, além de levá-lo a “alcançar ou ultrapassar o limite de suas figuras” (DELEUZE e GUATTARI, 1995a: 56). É por essa via que *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1976) traz o entendimento da produção do desejo, ao mesmo tempo em que também situa este como produtor das maneiras de existir. Aqui o desejo não pertence a um sujeito nem tende para um objeto, o que leva esses autores a cunhar a expressão ‘máquinas desejantes’, em assumida beligerância frente a um psiquismo naturalizado e ancorado em pressupostos psicogenéticos e/ou estruturais.

O desejo é apresentado pelos filósofos da diferença como “imaneente a um plano ao qual ele não preexiste, um plano que precisa ser construído, onde partículas se emitem [e] fluxos se conjugam” (DELEUZE e PARNET, 1998: 105). Tais fluxos e/ou partículas intensivas, imanentes a um *socius*, circulam e propagam-se por entre ondas e/ou órbitas diferenciadas, fazendo consistir territórios de existência em movimentações também ininterruptas. Pensar o desejo a partir do movimento e do repouso, pela velocidade e lentidão dessas partículas intensivas, é o modo desses autores entenderem a potência de um corpo afetar e de ser afetado na profusão dos encontros. É no *Mil Platôs*, segundo tomo de *Capitalismo e esquizofrenia* (1980), que os referidos pensadores explicitam em maiores detalhes a clivagem e a conexão diferencial das forças, o que corresponde à variação contínua que as partículas heterogêneas assumem a cada relação. Nessa direção, Deleuze e Guattari ressaltam a importância das intensidades por elas mesmas, pois em uma materialidade heterogênea as partículas intensivas são assemelhadas a “um muro de pedras livres, não cimentadas, onde cada elemento vale por si mesmo, mas em relação com os outros” (DELEUZE, 1997: 100). O que essa construção filosófica ressalta é o caráter de diferenciação das intensidades, além de indicar que elas se combinam ou se repelem em movimentos de afetação mútua e fora das leis do determinismo causal. Esse é o entendimento da multiplicidade

intensiva, que “não pode crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 16).

Tal pensamento considera que os sentidos emergem sem que se precise definir um ponto de origem estabelecido – social, individual e/ou estrutural –, não carecendo da formação de unidades e finalidades de qualquer natureza. Deleuze e Guattari salientam que as intensidades não constituem “totalidade alguma e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades” (DELEUZE [1987], 2016: 329). Portanto, para o pensamento da diferença, funcionamentos se traçam e se decidem no curso de uma movimentação intensiva, evidenciando que “não há caminhos antes da ação, pois não há universo unificado no qual seja possível indicar as direções e as intensidades das forças” (ESCÓSSIA, 2014: 71). Assim, sujeito e mundo emergem em acoplamentos sem mediação, efetuações que se processam a partir de um relacional que as forças disparam, isto é, pelos potenciais em variação no próprio curso da movimentação intensiva.

Essa reverberação contínua de diferenças permite que François Zourabichvili (2016) destaque o modo como os elementos intensivos se agitam uns sobre os outros, em uma “comunicação de termos heterogêneos” que só têm com outros “uma conexão de diferença” (ZOURABICHIVILI, 2016: 133). Esse turbilhão intensivo move limiares constantemente, pois embora as intensidades sejam individuantes, elas são antes de tudo fluxos a percorrer uma realidade potencial diferenciadora. O que antes se encontrava em composição, a diferenciação processual pode levar à disjunção, exatamente porque esse plano intensivo carrega potenciais que fazem as regiões estáveis entrarem em desorganização, embaralhando afetos e a solidez dos territórios supostamente estabilizados.

Amparado na filosofia deleuze-guattariana, François Dosse (2010) também se interessa pelo estudo dessas forças intensivas e pelos potenciais relacionais que dissolvem as representações vigentes. Zourabichvili e Dosse enfatizam, portanto, o movimento das forças em divergência e a invenção de sentidos que advém dessa estranha comunicação de diferenças, variação que oportuniza a irrupção do pensamento como criação.

Ao seguir essas pistas, constata-se que o pensamento da multiplicidade se constitui como o caminho mais adequado para acessar a sonoridade silenciosa das intensidades: forças em diferença que percorrem as órbitas de um corpo intenso.

Corpo sem Órgãos – as intensidades inventam passagens

As modelizações societárias impõem registros estabelecidos às manifestações corporais, linguísticas, afetivas e artísticas. É frente a esse conjunto de imposições que o francês Antonin Artaud, teatrólogo de ascendência grega, dispara agudas discordâncias ao longo da vida, denunciando todas as formas de constrangimento que o teatro tradicional imprime às liberdades corporais e às estéticas possíveis. Tal desacordo aparece em uma experimentação radiofônica, em 28 de novembro de 1947, intitulada: “Para acabar com o Juízo de Deus”. Nesse manifesto ele expõe claras divergências frente “à organização orgânica dos órgãos”, mais especificamente, a todas as “transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 21). Essa concepção utilitarista está presente em todo tipo de organização que separa o corpo das sensibilidades, principalmente as não verbais, tais como: mímicas, gritos e grunhidos. No rastro desse desacordo, o intempestivo pensador cunha a expressão corpo sem órgãos; conceituação que indica o transbordamento das potências do corpo quando experimenta sensações diferenciadas. Promulgador do “teatro da crueldade”, esse artista se interessa por romper as fronteiras tradicionais entre o pensamento e o corpo, concomitantemente, entre o palco e o público. Dedicado à ampliação da linguagem teatral, Artaud distancia-se com vigor dos automatismos da expressão corporal, dedicando-se à liberação da força inventiva nas vivências artísticas e nas situações da existência cotidiana.

Em *Diferença e Repetição* (2006), Deleuze serve-se dos combates do teatrólogo ao pensamento ordinário, sobretudo quando este situa o ato de pensar como capaz de colocar em crise a subjetividade. Artaud recusa a “imagem dogmática tranquilizadora” do pensamento como modo de lidar com as questões da arte e da vida, pois considera que o ato de pensar e o “seu cortejo de problemas e questões não são um estado de fato, mas uma estrutura de direito do pensamento” (DELEUZE, 2006: 213). Nas palavras de Deleuze, importa “simplesmente chegar a pensar alguma coisa”, o que é possível apenas quando o pensamento está fora dele mesmo, ou ainda, quando o pensamento se arrisca na ponta extrema de sua impotência; direção que comunga com a prioridade de fazer nascer “aquilo que ainda não existe (não há outra obra, todo o resto é arbitrário e enfeito)” (DELEUZE, 2006: 213).

Outro grande interessado na matéria sensível e nos efeitos que a arte provoca ao exercício do pensamento é Francis Bacon, pintor britânico de ascendência irlandesa cujo

estilo visa a captar as sensações indomáveis que percorrem o corpo. Interessado nas questões ligadas ao sensível, Bacon explora as “visíveis forças que não são visíveis” (DELEUZE, 2007: 62) – perspectiva que o leva a romper com o figurativo e com as formas abstratas, exatamente por considerar essas vias estéticas mais próximas da representação e do sensacional.

Bacon pinta o corpo “não enquanto representado como objeto, mas enquanto vivido como experimentando determinada sensação” (DELEUZE, 2007: 43). Para ele importa extrair da tela um conjunto de sensações singulares, seja nas pinturas em que proliferam as deformações do corpo seja quando ele se dedica aos retratos, com cabeças e rostos em torções as mais diversas. Em alguns trabalhos as figuras podem surgir enevoadas, embaçadas, evidenciando a indeterminação que insiste na circulação das forças intensivas pelo conjunto corporal. Mesmo no caso de uma sensação simples, uma nebulosidade persistente e indefinida expõe a ótica do pintor, como se ele estivesse indicando que os pontos “pelos quais a sensação passa, necessariamente, já constituem acoplamentos de sensação” (DELEUZE, 2007: 71). Tais pistas não aparecem apenas nos espasmos de tinta que borram os limites do corpo, aptos a salientar os limiares ultrapassados, mas jorram, sobretudo, no cromatismo das formas corpóreas em ínfimas contorções. Em Bacon toda “sensação é vibração” do corpo intenso, acionada pela ação das forças imperceptíveis “sobre a onda nervosa ou a emoção vital” (DELEUZE, 2007: 51-52).

Bacon está voltado a captar o relacional da força que atravessa corpo e afeto, sublinhando tanto a potência afetante quanto a afetada, pois ambas tecem toda e qualquer experiência em que o corpo é modificado e age na modificação de outros corpos. Isso implica dizer que o sensível jamais pode ser pensado a partir de forças isoladas, pois a força intensiva está sempre em conexão com outra da qual se distingue, em um tipo de comunicação que faz a matéria sensível entrar em constante variação; uma teia transversal de diferenças que implica os repertórios coexistentes. Como refere Antonin Artaud em seus escritos, são os componentes intensivos que desalojam a burocracia teatral, desorganização que também comparece nos traços e corpos disformes pintados por Francis Bacon. Artaud e Bacon fazem luzir as forças ininterruptas que percorrem o corpo intenso, liberando, a partir da arte, composições que elucidam as maneiras de ser afetado e de afetar outras matérias sensíveis.

Essas elaborações extraídas do campo artístico ganham em Deleuze, associado a Guattari, a apresentação clara das forças desobedientes e de como elas transitam nas

órbitas intensivas que compõem o corpo sem órgãos. É nesse excesso circulante que a relação diferencial das partículas intensivas se potencializa, disparando uma atmosfera nova que força o pensamento “a criar novos circuitos para dar conta de uma realidade movente” (DOSSE, 2010: 333). Tal entendimento permite acessar a importância das forças que entram em jogo nos atletismos afetivos cotidianos, pois todo lançar-se implica em um retorno da potência sobre o próprio corpo sem órgãos, aumentando ou diminuindo a razão de potência da relação, alterando, concomitantemente a produção desejante. É por essa via que podem emergir circuitos afetivos inaugurais, capazes de operar a modificação das ordenações do pensamento, do corpo e do desejo, pois são os “níveis de sensação que explicam o que subsiste de movimento” (DELEUZE, 2007: 48) em uma vida. Nesse sentido, a composição afetiva muda quando os circuitos mudam; o que ocorre quando se passa de um nível intensivo a outro por ação dos afetos disjuntos que percorrem o corpo sem órgãos. Nessas passagens é que o sujeito é possível para Deleuze, sendo, contudo, melhor definido como “efeito e não causa, resíduo e não origem, e que a ilusão começa quando ele é tido justamente como origem – dos pensamentos, dos desejos etc.” (ZOURABICHIVILI, 2016: 135).

Deleuze aproxima plano intensivo e corpo sem órgãos, afirmando que estes comportam “vazios e desertos”. Distante da confusão do vazio com a falta, o pensador da diferença compreende o corpo sem órgãos ao modo de “uma partícula de oriente, [de] um grão de zen”, exatamente porque o vazio não é “contrário às partículas que nele se agitam”. Entendimento semelhante ao vazio o filósofo extrai sobre o deserto, pois este “nunca foi contrário às tribos que o povoam” (DELEUZE e PARNET, 1998: 106). Essa compreensão permite afirmar que os agenciamentos desejantes¹ não se constituem em uma estrutura, pois neles se agitam ondas intensivas em diferença, zonas liberadoras das linhas de desejo² inaugurais, fazendo vibrar a impermanência dos modos de sentir e existir. Distante de qualquer substancialismo, “o corpo sem órgãos não se define pela ausência de órgãos” nem produz órgãos indeterminados, todavia é “pela *presença temporária e provisória* dos órgãos determinados” (DELEUZE, 2007: 54) que ele cria os próprios órgãos para o preenchimento de sua efetuação. Tal provisoriedade corresponde à contínua modificação do desejo, pois a “própria noção de afeto remete a uma lógica das forças” (ZOURABICHIVILI, 2016: 67) em difusa e variada movimentação.

Linhas desejanter: disjunções e transmutações radicais

Pode ocorrer de o corpo encontrar-se impedido de experimentar intensidades não autorizadas. Essa circunstância indica, geralmente, a prevalência de representações dominantes no pensamento, deixando o afeto refém das lógicas binárias e das formalizações estratificadas do campo social. Nessa condição há o predomínio das linhas duras, o que corresponde ao plano das formas ou plano de organização do desejo³. No entanto, para os pensadores da diferença, “todos possuem um corpo sem órgãos”, o que não descarta a importância de “fabricá-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 9). Tal fabricação atualiza-se quando as intensidades heterogêneas ganham movimentação e as disjunções irrompem, engendrando fluxos que liberam linhas flexíveis ou a passagem das linhas de fuga. Essa via é a que possibilita o aumento da razão de potência das multiplicidades intensivas, pois essas partículas heterogêneas ao entrarem em conexão criam-se e produzem, simultaneamente, muitos outros corpos sem órgãos. É por esse funcionamento disjunto das forças que a filosofia da diferença não admite identidades, somente “agenciamentos maquínicos de desejo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 34). Contemplar cada diferença como zona de passagem da potência indica que a “consistência do mundo está no afeto e na sensação, em outras palavras, ela está no acontecimento que torna distinto um estado de coisas” (ZOURABICHVILI, 2016: 144) – um verso, um quadro, ou ainda, uma maneira de existir. Importa ressaltar que as diferenças que ganham passagem jamais podem ser confundidas com o *continuum* intensivo que é o corpo sem órgãos, ao mesmo tempo em que não cabe confundir o corpo sem órgãos com o construído, sejam quais forem as formas engendradas a partir das movimentações intensivas. Há sempre um excessivo de forças a tomar parte nos agenciamentos do desejo. Portanto, dependendo do relacional das forças em questão, movimentos de desterritorialização⁴ decorrem de modo inevitável, ainda que tal ocorrência se faça de maneira imperceptível, pois cabe ao corpo sem órgãos o remanejamento das intensidades livres nos agenciamentos desejanter.

Tal perspectiva permite definir o inconsciente como maquínico, um inconsciente “que não comporta nem formas nem representações, e que se ‘assemelha’ mais a uma fábrica do que a uma cena de teatro” (ZOURABICHVILI, 2016: 74). Esse inconsciente é tanto informal quanto impessoal, o que não o impede de ser produtor de realidades e

de acontecimentos que se potencializam mutuamente. Tal região invisível subsiste e insiste enquanto potencial co-implicado com os processos de atualização das forças intensivas, liberando rearranjos que fazem emergir o radicalmente novo – um novo que está paradoxalmente “longe e perto, dentro e fora, no passado e no futuro” (ARAGON, 2007: 73). Ativar e/ou fabricar o corpo sem órgãos consiste no acesso imediato a essa dimensão informal em que se deixa de ser algo, ao mesmo tempo em que não se sabe ainda o que está em vias de tornar-se. Portanto, à medida que as conexões se alteram o próprio agenciamento muda de natureza, pois essa dimensão virtual preenchida pelas forças heterogêneas perturba o mundo atual, exatamente por modificar a potência de cada corpo afetar e de ser afetado, ou seja: pela potência em ato de “ver, criar, sentir através dela” (LAPOUJADE, 2016: 23). Essa potência em ato é o próprio relacional da relação, preenchendo o acontecimento de desejo e contrariando, na maioria das vezes, um *socius* ficcionado como real.

Tal como os esportistas referidos na epígrafe inspiradora deste ensaio, as forças imprevisíveis transitam pelo corpo intenso também quando se dá o toque da água ou do ar no corpo, momento em que o atleta aproveita tanto o afago quanto as dores que os encontros com esses elementos disparam; desdobrando as acrobacias que os mesmos ousam inventar. A intensificação dessa potência aumenta à medida que os saltos sejam queridos, a imprecisão se mostre acolhida e a criação constitua a inspiração principal desse fazer-se atleta. Em suma, a disponibilidade ao inesperado é também mais uma aproximação com a prática clínica, sobretudo quando o plano esquizo – plano das forças – suspende os modos instituídos de sentir e pensar. Encantar-se por essa paisagem intensiva convoca o interesse pelos modos de composição e pelas implicações recíprocas dos afetos, seja na impermanência da vida cotidiana ou nas transmutações da experimentação analítica. Assim, é pelo contágio das intensidades que circulam no corpo sem órgãos que se dá o aumento de consistência do desejo; acoplamentos que potencializam rupturas nas cadeias de representação e, por conseguinte, variações nos processos de subjetivação.

Acontecimentos clínicos e cartografias esquizoanalíticas

Intensidades imperceptíveis alteram continuamente as maneiras de sentir e agir. Contudo, pode acontecer dessas forças em diferença encontrarem-se obstaculizadas, condição que evidencia um corpo sem órgãos submetido às sedimentações do campo social e ao julgamento moral. Quando esse funcionamento predomina proliferam clichês

enredados em falsos-problemas, fazendo surgir o efeito de “movimento, porém movimento somente sombras” (ZOURABICHVILI, 2016: 78). Tal circunstância alimenta um plano de organização impeditivo da variação afetiva, engendrando a busca por estabilizações, reconhecimentos e/ou prazeres complacentes.

No entanto, a potência do agenciamento é abrir-se em diversas vias, o que se dá pela coexistência de planos intensivos diferenciados no corpo sem órgãos; intensidades desconhecidas que podem forjar relações inéditas, tornando “o impensado a potência própria do pensamento” (ZOURABICHVILI, 2016: 96). Tais relações inéditas que passam pelo corpo sem órgãos estão compreendidas nele, “sobre ele, mas ao preço de uma infinidade de passagens” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 13), pois cada corpo sem órgãos é inseparável das experimentações que o traçam, o que se dá em “virtude das próprias condições em que [ele] foi construído” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 12). Assim, cabe à experimentação analítica a acuidade de perscrutar as linhas intensivas e os “perigos próprios a cada linha” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 80) que compõe o emaranhado intensivo que é o corpo sem órgãos, e isso sem jamais negligenciar a “regra imanente à experimentação analítica”, a saber: a prudência. Longe de corresponder a uma obediência às formas, a noção deleuzeana de prudência remete ao agenciamento de desejo e seu grau próprio de desmontagem, até porque não “se atinge o corpo sem órgãos e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente [os territórios de existência]” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 23). Importa então em uma experimentação analítica valorar as forças disjuntas e tatear os efeitos de ruptura nos estratos, considerando a prudência e o sensível sempre em diferença.

Para Guattari (1992), acompanhar tais processos constitui o cerne da experimentação analítica, exatamente por ela contemplar uma face ligada aos estratos/territórios e outra face voltada para as forças livres e heterogêneas. Essa coexistência do atual com o virtual diz respeito às forças e à potência de diferenciação presente nos encontros, isto é, ao emaranhado em que as linhas intensivas se envolvem e são envolvidas umas pelas outras. Essas intensidades heterogêneas em conexões desiguais também elucidam o entendimento de que o virtual não se constitui em “um segundo mundo, [pois] ele não existe fora dos corpos, ainda que não se assemelhe à sua atualidade. Ele não é o conjunto dos possíveis, mas (...) aquilo de que os corpos são a atualização.” (ZOURABICHVILI, 2016: 115). É por esse movimento intensivo que se deseja e é pela vibração dessas processualidades que novas potências afetivas se forjam, atestando um espaço paradoxal do desejo que, tal como o deserto, se mostra

“inacessível e aí desde sempre”. Querer esse deserto é também querer os riscos de transpô-lo, é “passar pelo avesso” dos sentidos dados e, assim, “revirar o corpo orgânico nas variações intensivas do corpo sem órgãos” (LAPOUJADE, 2015: 313).

Seguir essa direção implica perscrutar os graus de diferenciação que funcionam como os precursores dos processos de desestabilização dos territórios subjetivados, pois “nada exerce uma força ou produz um afeto que não implique uma disjunção com outra coisa, uma coexistência virtual com aquilo de que se separa” (ZOURABICHIVILI, 2016: 149). Esses revezamentos imperceptíveis do plano das formas com o plano das forças correspondem aqui ao que se denomina como acontecimentos clínicos: operações de uma analítica que se tece por entre “limiaries, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 22). No acolhimento desses acontecimentos clínicos, denominados pela esquizoanálise como operação cartográfica dos afetos, não se pretende esgotar as forças, suas movimentações, mas acompanhar os funcionamentos invisíveis que insistem e abalam as conhecidas formalizações. Essa clínica, que se faz na transversalidade dos entrelaçamentos afetivos, faz bascular a lógica causal e os respectivos limiaries, ambos sensíveis às linhas de fuga em movimentação. Tal diagramação infinda torna essa processualidade “tanto quanto possível, e pelo tempo que for possível, uma arte de viver” (DELEUZE, 1992: 138).

Essas pistas esquizoanalíticas, aproveitadas por Peter Pál Pelbart (2013), são úteis para indicar que o corpo sem órgãos constitui o eixo da experimentação analítica, sentido que permite defini-lo como “dínamo inconsciente das multiplicidades intensivas”, cuja operação “cria linhas, cruza linhas, as diferencia (isso é muito importante, ela cria diferenças), realiza conexões, produz acontecimentos, desbloqueia impasses, produz aberturas, se remaneja etc” (PELBART, 2013: 279). Assim, é pela partilha das intensidades em diferença no corpo sem órgãos que novos funcionamentos podem advir, cabendo à experimentação analítica a capacidade de extrair potência das disjunções, conhecendo a espessura e a força de ruptura que elas portam. Deslocar limiaries é um tipo de tarefa que se faz em aliança com as intensidades que se distribuem por entre as ondas e órbitas do corpo sem órgãos, ressoando estranhamentos e interferências nos agenciamentos do desejo. Nessa disparação intensiva das forças desejanças a matéria sensível se modifica e faz retornar a potência dos desacordos, o que leva os pensadores do desejo a escrever que ao corpo sem órgãos “não se chega, não se

pode chegar”, pois “já se está sobre ele (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 9-10) – isso porque ele acopla matéria intensiva e limite ultrapassado.

Nesse momento, cabe retomar as pistas da epígrafe deleuzeana e evocar, mais uma vez, a imagem das ondas de ar e de água nas quais os atletas recolhem incertezas e efetuam performances desconhecidas. Também na arte, experimentar a contramão dos estilos valorizados implica arriscar-se à produção do novo, atualizando o frescor vital que tece o liame do pensamento com a vida. Tais aproximações permitem visibilizar a ação clínica e a turbulência crítica que a acompanha, sobretudo quando se perscruta as intensidades e os desvios que podem romper a cumplicidade com as formas instituídas. Essa prática, sintonizada com a transmutação dos sentidos, requer ainda considerar que as sensações estabelecidas não se encontram apartadas do sensível, do mesmo modo que as formas não são antagônicas à zona de indeterminação dos afetos. Assim, todo e qualquer agenciamento precisa ser pensado a partir do grau de liberdade disponível, aspecto destacado por Guattari quando enfatiza a importância de se apreciar “em cada tipo de agenciamento o que é o movimento intensivo, específico, daquele agenciamento, com suas escaladas, suas paradas, suas implosões, suas retomadas” (GUATTARI, 1993: 23). Acatar o que passa e o que ainda não pode passar pelo corpo sem órgãos é compatível com a ação de equivococar as formalizações subjetivadas, oportunidade em que os fluxos minoritários retornam sobre o próprio movimento desejante, ecoando ressonâncias que podem disparar a liberação dos clichês, idealizações e expectativas que atravancam a teia afetiva. Essa perspectiva cartográfica localiza-se fora de um funcionamento subjetivante, exatamente porque ela se filia às linhas de fuga que percorrem os agenciamentos do desejo; entendimento que ancora a experimentação analítica no paradigma estético pensado por Guattari (1992; 1993).

Paradigma estético: saltar entre mundos

Artaud se interessa pela remoção dos clichês na ação dramática e Bacon se volta para os traços a-significantes nos desenhos e pinturas. Deleuze (1996) e Guattari (1993) se servem das opções estéticas abraçadas por esses artistas, principalmente quando pensam a relação entre as intensidades heterogêneas e os agenciamentos inaugurais. É nesse sentido que o pensamento da diferença possibilita situar a experimentação analítica em um plano estético. Tal plano – lúdico/ luminoso – é inseparável do plano ético e político; planos que forjam os meios de enfrentar o intolerável, sobretudo porque o intolerável “ofende as potências de vida e as levanta” (LAPOUJADE, 2015: 289).

Nessa contraefetuação desejante impõe-se a presença de enfrentamentos e a ativação de novos começos, em outras palavras: “recomeçar no deserto, [e] a partir do deserto, tudo repovoar” (LAPOUJADE, 2015: 304).

Em uma entrevista no ano de 1993, Guattari confere relevância ao paradigma estético no entendimento da clínica que pratica. Em que pese a cautela que a nomenclatura “paradigma” exige, importa ressaltar que essa expressão foi utilizada por ele, e também por Deleuze, no intuito de destituir o pensamento como representação. É pelo paradigma estético que a filosofia deleuze-guattariana abre questões que afetam o pensamento e a criação, até porque importa mais “fabricar o real do que responder a ele” (DELEUZE, 1997: 134).

“É preciso fazer o múltiplo” – assertiva que em *Mil Platôs* (1995) funciona como inspiração para que as conexões inéditas possam ser acessadas, mesma perspectiva que apresenta os muitos platôs em contínua modificação – as entrecruzadas linhas do desejo. Irredutíveis uns aos outros, tais platôs favorecem saltos intensivos imperceptíveis, capazes de potencializar novos sentidos e “mutações de universos de valor” (GUATTARI, 1993: 34). Nesse sensível em variação as coordenadas sujeito-objeto alteram-se, condição que permite dizer que já não “há mais distinção entre objeto visto e sujeito que vê porque o que se distingue é uma visão que apaga [tal] distinção” (LAPOUJADE, 2015: 103). Em meio a esse excesso intensivo, um diferenciador rompe a clausura da previsibilidade identitária, forjando passaportes sensíveis que atingem “a fugacidade de traços esquizos que deslizam pelo abismo dos encontros” (ARAGON, 2007: 118). Nessa zona de indeterminação, tal diferenciador redistribui potenciais entre as linhas heterogêneas que, ao implicarem-se mutuamente, ativam pontos de inflexão que liberam a reverberação diferencial dos afetos. É então pelo paradigma estético – ou paradigma da criação – que se contempla essa conectividade luminosa que dilui os agenciamentos sedimentados, mesmo quando esses territórios se apresentam repletos de enganos e estereotípias. Guattari ainda resalta que toda e qualquer estratificação se desloca pelas linhas em diferença a partir dos “pontos Z ou Zen da caosmose⁵, só localizáveis em contrassenso, em tudo o que quebra os sentidos, ou o que escapa à identificação” (GUATTARI, 1992: 108). Essa indeterminação dos afetos – ou caosmose – desbloqueia o movimento de sair de si; movimento de diferenciação que transmuta as feições da ação clínica, pois esta também se modifica quando fomenta “novas

modalidades de subjetivação, do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe” (GUATTARI, 1992: 17).

Acatar essa espacialidade paradoxal implica considerar que as intensidades circulantes se redistribuem, alteram o trânsito dos afetos e ativam o entendimento de que toda e qualquer subjetividade cabe ser pensada como “um caso do processo de subjetivação. Na verdade não um caso, múltiplos casos” (LOBO, 2004:10), tantos quantos forem as interferências entre mundos supostamente distantes. Portanto, o paradigma estético está imediatamente conectado ao regime de heterogeneidade das intensidades e tal potência virtual faz emergir diferenças que protestam e escapam dos contornos subjetivados. Essa direção permite à esquizoanálise afirmar que novas sensibilidades coengendram mundos originais e, assim, sujeito e mundo emergem em acoplamentos sem mediação, o que explicita uma relação “mais direta entre o movimento das coisas e o das ideias” (DOSSE, 2010: 428). Tal perspectiva considera o pensamento estético não como uma mera “ponta de lança da atividade humana, mas, ao contrário, [como] um mergulho na própria existência” (DOSSE, 2010: 352). Desse modo, cabe ressaltar o contágio dos elementos intensivos heterogêneos e sublinhar a importância de se cartografar as intensidades que ultrapassam “o estado das coisas, [o que] está no cerne da problematização de ordem filosófica de Deleuze e Guattari” (DOSSE, 2010: 375) – pensamento em que a potência de existir e agir contempla o desafio de jamais viver separado do que se pode.

Considerações finais

Ampliar o entendimento dos movimentos intensivos que se processam nos acontecimentos clínicos implica uma quantidade considerável de riscos, sobretudo porque não existem traçados prévios aos afetos, do mesmo modo que não se é capaz de prever as linhas de aceleração que as multiplicidades intensivas podem assumir. Talvez por isso Deleuze, quando se aproxima dos elementos da arte, assinale que “há muitos perigos em se fazer uma clínica estética” (DELEUZE, 2007: 58), exatamente por conta da imprevisibilidade das forças intensivas e da impessoalidade dessas movimentações. No entanto, longe de serem recolhidas como dificuldades, essas noções forjam, além do sentido prático da experimentação analítica, as questões iniciais colocadas neste ensaio e as análises posteriormente tecidas; igualmente, o esboço dessas ligeiras conclusões.

Uma primeira indagação se interessa pelos elementos que tomam parte nas movimentações do desejo, percurso possível pelo pensamento da multiplicidade

deleuze-guattariano, posto que este contempla o caráter heterogênico das forças. Essa mesma via indica que as intensidades se movimentam por relações não causais, considerando, por isso mesmo, a inexistência de um ponto de apoio substancializado para os processos de subjetivação.

Perscrutar o regime do sensível e os elementos disruptivos que possibilitam a passagem das intensidades desobedientes pelos estratos subjetivos requer, de modo concomitante, acessar o tipo de corpo sem órgãos e a cartografia das linhas desejanter flexíveis e das linhas de fuga. No transitar contínuo desses afetos, uma existência em desconforto transmuta sentidos e faz consistir regimes de afetabilidade disponíveis no corpo sem órgãos, pois o plano virtual insiste embaralhado aos agenciamentos desejanter, mesma perspectiva que não opõe o plano das intensidades ao plano das formas. Toda essa experimentação silenciosa tece a segunda investigação e traz, em seu escopo, os aspectos que anunciam o desenvolvimento da última questão.

Nesse momento, cabe detalhar o paradigma que sustenta a apreensão crítica das partilhas que se efetuam na experimentação analítica, sobretudo porque essa prática assinala a qualidade intensiva das multiplicidades em contágio, igualmente, as interferências recíprocas que elas estabelecem entre si. Tal peculiaridade elucidada o cerne do paradigma estético, pois este paradigma sustenta a transmutação contínua das linhas do desejo e a alteração do que nunca foi passível de sedimentação: a objetividade do mundo e a identidade do sujeito. Assim, a prática clínica também se modifica a partir da variação das multiplicidades intensivas, o que convida a perscrutar os engates ínfimos, pois estes são potentes em produzir componentes que ainda não estão presentes, mas “que se tornarão ‘sempre já presentes do momento em que são engendrados’, em razão mesmo da lógica dessas multiplicidades”. (GUATTARI, 1992: 82). Tal como o deserto de Deleuze, um vazio repleto de elementos desalinhados faz emergir as linhas de fuga por entre as franjas do vivido e do ainda não pensado, movimentando os agenciamentos do desejo e os modos de expressá-los – aberturas e desvios que estão em afinidade com a zona de criação que nutre a experimentação analítica.

Impõem-se então retomar a epígrafe, lembrando os desportistas com suas ondas e órbitas; o que inclui os movimentos turbilhonantes que os mesmos atualizam quando ousam acrobacias fora do eixo conhecido. Tal visão pode ser aproximada das torções intensivas que os artistas experimentam quando se localizam fora do caminho único e das coordenadas instituídas. Igualmente, na experimentação analítica, encontra-se o corpo sem órgãos e a tarefa estético-política, engendrando platôs de liberação dos afetos

e a afirmação de que também a prática clínica se inspira em saltos e vertigens criativas. Nessa invenção de sentidos, a potência se amplia e faz valer, entre ondas e órbitas do corpo sem órgãos, o desejo anárquico e o sabor da vida intensa.

Referências

- ARAGON, L. E. O impensável na clínica. Porto Alegre: Sulina, Ed. UFRGS, 2007.
- CARDOSO JUNIOR, H. R. Teoria das multiplicidades e conceito de inconsciente no pensamento de Gilles Deleuze. In: CARDOSO JUNIOR, H. R.; SANTANA, R. (orgs.). *Inconsciente-multiplicidade: conceito, problemas e práticas segundo Deleuze e Guattari*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.
- DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo, Editora 34, 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DOSSE, F. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.
- ESCÓSSIA, L. *O coletivo como plano de coengendramento do indivíduo e da sociedade*, São Cristóvão: Edição da UFS, 2014
- GUATTARI, F. *Caosmose - um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F. *Guattari na PUC: entrevista*. In: Cadernos de Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós- Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1, n. 1 (1993). São Paulo, 1993
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo, n-1 edições, 2015.
- LOBO, L. *Pragmática e subjetivação: por uma ética impiedosa do acontecimento*. *Psicol. Estud.* v.9. n2. Maringá, maio/agosto de 2004.

PELBART, P.P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2013.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo, Editora 34, 2016.

Regina M. S. Dias – professora e psicóloga clínica
Rio de Janeiro
E-mail: reginamsdias@gmail.com

¹ Deleuze e Guattari situam os **agenciamentos desejan**tes como o primado da produção de subjetividade. Essa perspectiva posiciona os existentes no cerne de um conjunto de linhas afetivas heterogêneas em constante movimentação, o que permite afirmar que o desejo só funciona agenciado. Tal construção dilui a dicotomia sujeito-objeto e outras lógicas binárias, provocando a quebra da maneira essencialista de pensar a condição humana. Os agenciamentos se constituem de dois eixos: o primeiro comporta estratos e códigos, enquanto o segundo está voltado para a desestratificação e a descodificação.

² As **linhas do desejo** tecem os processos de subjetivação. No livro *O Anti Édipo* (1976), tais multiplicidades intensivas – intensidades – são pensadas como máquinas desejantes e produtoras de sínteses específicas. Esse entendimento maquínico e as sínteses do inconsciente-multiplicidade, presentes nesse primeiro tomo de *Capitalismo e esquizofrenia*, ganham, em CARDOSO JUNIOR (2007), uma investigação dedicada e criteriosa.

3O **plano de organização** do desejo captura as forças em diferença e opera estratificações nos territórios de existência. De maneira diferenciada, o plano de consistência do desejo possibilita a emergência de afetos diversos e o aparecimento de deslocamentos nesses mesmos territórios – o que aumenta a potência de modificação do próprio desejo.

4A **desterritorialização** ocorre quando as intensidades circulantes escapam das órbitas do corpo sem órgãos, gerando a destituição da subjetivação estratificada e a modificação dos territórios estabelecidos. Esse caráter processual das multiplicidades intensivas é sempre duplo, pois “não há desterritorialização sem reterritorialização. Os nômades só se desterritorializam desde que se reterritorializem nos sucessivos acampamentos ou nos próprios movimentos através dos quais se desterritorializam, como se dorme em sua montaria” (LAPOUJADE, 2016:41). As linhas e os respectivos movimentos, os agenciamentos e o conceito de desterritorialização, recebem um instigante e detalhado estudo em HAESBAERT (2006).

5Guattari ao pensar o sensível enveredou pela compreensão da **caosmose**. Tal funcionamento indica que as partículas intensivas operam “um tipo de duplicação das velocidades infinitas, uma mímeses, uma simulação, que reencena e reinterpreta, sem cessar, as potencialidades criativas do caos” (GUATTARI, 1992: 79). Essas multiplicidades caóticas – ou multiplicidades intensivas animadas com velocidade absoluta – estão longe de operar como diluidoras da complexidade, pois para o pensamento da caosmose o caos “torna-se o portador virtual de uma complexificação infinita” (GUATTARI, 1992: 78).